

Modernizar, todos querem

CORREIO BRAZILIENSE

O Congresso Nacional demonstrou ontem um residual de sua força e prestígio perdidos, com a escolha pelas bancadas dos candidatos a dirigentes das Mesas, que hoje irão a plenário. Para a compreensão do fenômeno da relação de forças entre as prerrogativas do Congresso e sua atual estrutura de apoio, é válido repassar os dados transmitidos ontem, na reunião da bancada do PMDB, pelo deputado José Costa. O Senado dispõe de um sistema de processamento de dados próprio — o Prodases — que se liga a duzentas bases de dados em todo o País, através do Renpac, esquema de linha telefônica alugado pela Embratel que permite acesso a tais bancos. Mas a Câmara não possui nenhum desses instrumentos.

O Senado adquiriu no ano passado uma ilha de produção e edição de TV, ao custo de US\$ 700 mil, para produzir video-clips para os senadores. A Câmara está longe de possuir brinquedo eletrônico igual. O Senado possui assessoria técnica capaz de bem atender a todos os seus membros, mas na Câmara há apenas 58 assessores técnicos, metade dos quais em idade para se aposentar.

E ainda o Deputado José Costa quem continua: A Câmara, em 1988, gastou US\$ 2,5 milhões a menos que o Senado em investimentos, para estrutura e apoio. Há um déficit de 105 gabinetes para os deputados (o ex-ministro Prisco Viana, ao voltar à Câmara, continua despachando no gabinete do senador Luís Viana Filho, por falta de acomodações) e faltam atualmente no ple-

nário cerca de cem cadeiras para que toda representação federal se assente por completo. Com Tocantins e os novos estados, o déficit de gabinetes chegará a 170.

A Câmara, com seus 7.500 funcionários, detém hoje renda salarial per capita de NCz\$ 800,00. É uma das mais altas de Brasília e do País, em termos de instituição. Mas consiste, de qualquer forma, num corpo técnico desassistido e desatualizado. Existe na Câmara gente qualificada, mas sem capacitação e treinamento. Um senador, hoje, representa em assessoramento direto, no seu custo total, uma soma igual ao que gastam sete deputados.

Mesmo assim, a Câmara há de ter feito investimentos desnecessários. Em 1988, gastou Cz\$ 100 milhões apenas com duas firmas de limpeza. Trinta por cento dos serviços contratados pela Câmara, segundo o deputado José Costa, poderiam ser cortados. O que interessa, fundamentalmente, para a modernização da Câmara não é propiciado aos deputados: instalações condignas, informatização e pessoal reciclado para corresponder às novas prerrogativas que a instituição absorveu, notadamente na área econômica e financeira. Os senadores dispõem teoricamente dessa estrutura, pois nas telas de seus vídeos e micros, nos gabinetes, podem, diariamente, captar os números econômicos do País.

Por isso é que todos os candidatos na bancada do PMDB, ontem, enfatizaram o compromisso da modernização. Trata-se de um poder desarmado, de apoio e estrutura. Mudança drástica vai certamente ocorrer nesse terreno.

15 FEVEREIRO 1989